

As possibilidades da autoavaliação no processo de construção da aprendizagem

Késsia Kelle Flor de Lima¹

Alícia Lima Pascoal²

Lívia Henrique de Oliveira³

Vanessa Santos da Silva⁴

Geraldo Alexandre de Oliveira Gomes⁵

RESUMO

O presente artigo aborda uma pesquisa-ação que apresenta as possibilidades na construção da aprendizagem através do processo avaliativo com ênfase na autoavaliação, em que o aluno é submetido a um exame de reflexão, o qual consiste na ação do discente avaliar seu próprio conhecimento e desempenho em sala de aula. O objetivo do presente trabalho é propor a utilização do método autoavaliativo como ferramenta auxiliar para o docente, além de expor as contribuições deste processo avaliativo para os educandos, sendo elas, promover o estímulo a criticidade do aluno, tanto dos conteúdos desenvolvidos na sala de aula, como em seu papel como estudante, utilizando a autoavaliação como uma das formas de diagnosticar o aprimoramento do ensino, visto que desta forma é possível facilitar a observação das dificuldades e habilidades dos alunos durante as aulas. Os experimentos utilizados foram exploratórios e de abordagem qualitativa, para isso, foi aplicada uma intervenção pedagógica, vivenciada na disciplina de Avaliação da aprendizagem, no curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba Campus IV. Para a concretização do objetivo proposto, utilizou-se como principais referências teóricos Morales (1998), Antunes (2013), Depresbiteris (2011), Parolin (2011), entre outros. Os resultados indicam que as contribuições da ferramenta metodológica, autoavaliação, apresentam auxílio significativo ao educador para a observação do desempenho dos alunos; no ponto de vista do discente, atribui-se uma maior criticidade sobre seu papel de estudante na sala de aula.

Palavras-chave: Autoavaliação, Intervenção pedagógica, Avaliação, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A insatisfação de alunos e professores é algo corriqueiro na realidade escolar, decorrente de inúmeros fatores. Uma das tarefas do docente é perceber o que foi absorvido pelo aluno e o que merece ser revisado; um conteúdo não absorvido pode indicar que há falhas na relação ensino-aprendizagem, e isso muitas vezes ocasiona a frustração do educador. Por outro lado, parte dos estudantes sentem que o conhecimento que absorvem não tem significação; não há reconhecimento, por parte dos alunos, do valor do conhecimento, sendo algo primordial para o

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, kessiakelleflor@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, alicialimapascoal@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aiivilhenrique@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vanessasantos0711@outlook.com;

⁵ Professor orientador: Doutor ((Loughborough University); UFPB (DCS), g.a.gomes@hotmail.com.

aluno se tornar um sujeito emancipado que pensa criticamente, colocando-se livre da ignorância, orientado por uma educação que liberta. Mesmo no século XXI, há casos de desistências escolares, ilação da dificuldade de absorver os conteúdos, pela falta de motivação. Cansaço após jornadas de trabalho, problemas estruturais, metodológicos, pouco rendimento dentro da sala de aula, também são alguns dos exemplos de problemas existentes no ambiente escolar.

O Brasil é um país repleto de diferenças culturais, sociais e econômicas, e no espaço pedagógico não é diferente. Some-se a isso o fato de que a aprendizagem é um processo individual, em que os alunos se diferenciam em termos de capacidades, estratégias, estilos e motivações, e temos um horizonte mais claro da complexidade da tarefa do professor, que deve adaptar a sua forma de ensinar ao objetivo de atingir a todos. Em vista disso, e com intuito de tornar o ensino mais eficaz, o processo avaliativo adquire importância fundamental. Trata-se de uma das problemáticas mais discutidas no âmbito educacional nos dias atuais, pois a avaliação, ao menos em algumas de suas formas, é vista como dotada de pouca utilidade, porém necessária no desenvolvimento escolar. Como expõe Philippe Perrenoud (1999): “as provas escolares tradicionais se revelam de pouca utilidade, porque são essencialmente concebidas em vista mais do desconto do que da análise dos erros, mais para a classificação dos alunos do que para identificação do nível do domínio de cada um” (p. 15). Por conseguinte, a avaliação da aprendizagem é muitas vezes vista como um meio de ensinar por objetivos, apenas pelo fato de ensinar algo e de diagnosticar sua consecução. “Estamos necessitando de ‘aprender a avaliar’, pois que, ainda, estamos mais examinando do que avaliando. Nosso senso comum, na vida escolar, é de examinadores e não de avaliadores” (LUCKESI, 2011, p.29)

O educador deve utilizar o processo avaliativo de maneira mais ampla, não se limitando apenas aos métodos tradicionais, o que implica muitas vezes em não levar em consideração a natureza da (dificuldade de) assimilação pelo aluno, não conseguir despertar sua criticidade ou apoiá-lo em direção a uma maior autonomia e reflexividade. Por isso, a avaliação deve ser utilizada como investigação e suporte da qualidade dos resultados do processo de ensino-aprendizagem.

Dentre as possibilidades de ampliação dos meios da avaliação escolar encontra-se a “autoavaliação”. É importante destacar que a autoavaliação é uma ferramenta do processo educacional que se distingue das outras na medida em que sua eficácia depende de atividades e capacidades que promovam um olhar sobre si próprio, uma capacidade de distinguir limites entre o ‘saber’ e o ‘não-saber’, em resumo, uma volta da cognição sobre si própria. Aqui nos

interessa como esse instrumento pode contribuir com o docente à medida em que acompanha o desempenho dos estudantes, propiciando a análise dos efeitos do planejamento de aulas de forma rápida e objetiva, e servindo de plataforma para o exame crítico, por parte dos discentes, de suas próprias ações no ambiente escolar. Portanto, segundo Depresbiteris (2011), “a autoavaliação não visa à autodistribuição de notas ou menções. Ela deve ter um sentido emancipatório, possibilitando àquele que aprende refletir continuamente sobre o processo de sua aprendizagem e agir para sua melhoria constante” (p.88).

A ideia é que os impasses que envolvem o aprendizado – sobretudo no que tange aos mecanismos de avaliação – possam ser amenizados com o desenvolvimento de um regime de *autoavaliação* em sala de aula, que passaria a ser um aspecto integral da missão do professor e da própria relação professor-aluno. Desta forma, afirma Pedro Morales (1998):

“Falo de *tarefa profissional* e de *eficácia* intencionalmente. Porque somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscamos *seu êxito* e não *seu fracasso*, e a *qualidade* de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo *profissional*” (MORALES, 1998, p. 13)

Segundo Portilho (2009), a autoavaliação é correlata à faculdade da *metacognição*, que é o ato de pensar sobre o pensamento, ou sobre a própria aprendizagem. É o conhecimento sobre o conhecimento e sobre as capacidades e limitações do pensamento humano. Deste modo, o ‘automonitoramento’ dos alunos serve como ferramenta de transformação para que o docente passe a lidar com eventuais erros e lacunas na compreensão, convertendo os problemas inerentes à aprendizagem em sala de aula – de que de outro modo não pode ter efeito, senão como ação sobre ações e erros previstos – em algo positivo. Tanto o aluno quanto o professor são beneficiários dessa estratégia; a aplicação de tal método resulta num aumento significativo da qualidade da aprendizagem do aluno, além do crescimento pessoal e profissional do educador (alguma referência empírica). O aluno aprenderá também a reconhecer a si mesmo e intervir, junto com o professor, para melhorar a relação ensino/aprendizagem.

Para Gadotti (2004), a autoavaliação se enquadra na tarefa de propor uma intervenção no ambiente da sala de aula, a fim de que haja melhoria na educação de uma maneira geral:

“A escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também se preocupar com a formação global dos alunos, em uma visão em que o conhecer e o intervir no real se encontrem. No entanto, para isso, é preciso saber trabalhar com as diferenças, reconhecê-las, não camuflá-las e aceitar que para me conhecer preciso conhecer o outro”. (GADOTTI, 2004, p. 8).

Isto posto, organizamos este artigo da seguinte forma: inicialmente apresentamos, de forma breve, a nossa problemática e objetivos; em seguida, apresentamos algumas

compreensões teóricas acerca da avaliação, em particular da autoavaliação; também discutimos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo e, por fim, seguimos com a análise de uma oficina realizada em uma escola particular de ensino fundamental, localizada no município de Mamanguape, Litoral Norte da Paraíba. Discutimos como a autoavaliação auxilia a aquisição de um olhar mais rebuscado na prática docente, cujo objetivo é o de atingir a todos os alunos com um método de ensino mais dinâmico. O objetivo da oficina foi expor, através da autoavaliação, a percepção discente acerca da aquisição de conhecimento, bem como os conteúdos que não foram bem absorvidos. A autoavaliação surge, assim, como proposta para renovar o interesse dos discentes e docentes, aplicando novos métodos e reconhecendo novos desafios educacionais.

METODOLOGIA

Procedemos à realização de uma pesquisa piloto, de natureza exploratória e abordagem qualitativa com a utilização dos seguintes procedimentos: exploratório, para o entendimento e compreensão da proposta da intervenção pedagógica como ferramenta de aprendizagem e sua didatização para o ensino de conteúdos; e, por fim, a utilização da pesquisa-ação, com a realização da aula, a aplicabilidade da autoavaliação e exposição de resultados alcançados, a médio prazo, como essa ferramenta. A pesquisa-ação tem o seu foco em pesquisas voltadas para a área educacional. Para ampliar o entendimento sobre a pesquisa-ação, é definido o conceito por Kemmis e Mc Taggart (1988):

"Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa..." (KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248).

A pesquisa-ação propõe alcançar os seus objetivos através do caráter participativo. Segundo Elliott (1997, p.15), a pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças.

À vista disso, foram necessárias leituras de embasamento teórico que se enquadram nos descritores escolhidos para uma turma do 6º ano do ensino fundamental, de acordo com a Matriz de Referência de Língua Portuguesa. Descritores esses, que visam tais habilidades e competências desejáveis para a série e disciplina escolhida no presente trabalho:

D1- Localizar informações explícitas em um texto;

D4- Inferir uma informação implícita em um texto;

D12- Identificar a finalidade de diferentes gêneros;

D16- Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

No Centro Educacional de Ensino Fundamental Beatriz Menezes, localizada no município de Mamanguape no litoral norte da Paraíba. A escola e a docente responsável pela turma do 6º ano receberam bem a proposta apresentada: foi ministrada uma aula dividida em três momentos sobre os subgêneros da narrativa, fábula⁶, apólogo⁷, alegoria⁸ e parábola⁹. O objetivo geral foi aprender a estrutura e as características de cada subgênero, com base nos descritores apresentados pelo INEP; foram utilizados como recursos humanos o discente e docente, e como recursos materiais foram necessários piloto, quadro e impressões com os textos utilizados em sala de aula e o exercício de reflexão, a autoavaliação, que foi elaborada com onze quesitos a serem respondidos pelos discentes após a explicação teórica. A oficina desenvolveu-se, portanto, da seguinte forma:

1º Momento

No primeiro momento da oficina foram apresentados os subgêneros e suas características, fazendo com que os alunos soubessem diferenciar cada uma das narrativas através de pontos de contato e afastamento entre ambos. Após a explicação e o debate sobre as características apresentadas, seguimos para o segundo momento da intervenção pedagógica.

2º Momento

Neste momento foram feitas leituras de dois subgêneros impressos em sala de aula: a alegoria, com *A morte e o Lenhador*, e o apólogo, com *A mesa e o Cachorro*.

Após a leitura foi aberto um debate sobre os elementos presentes nos textos, relacionando a moral das histórias com a realidade, compreendendo a diferença entre os subgêneros e suas características, relacionando aspectos e emoções presentes nos textos, etc.

3º Momento

⁶ Primeira espécie de narrativa a aparecer. Situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade.

⁷ Apólogo é uma narrativa breve de uma situação vivida por seres inanimados com situação exemplar.

⁸ Alegoria é uma narrativa que tem significação completa, tem a presença de entes sobrenaturais, mitológicos.

⁹ Narrativa breve de situação vivida por seres humanos e por humanos e animais.

O terceiro e último momento da oficina foi reservado para a autoavaliação. O exercício de reflexão utilizado na ação pedagógica conteve dez questões de múltipla escolha com apenas uma questão discursiva, produzida com base no modelo apresentado pela docente que lecionou a disciplina de Avaliação da aprendizagem. A partir disto, foi respondida pelos alunos na sala de aula, sem a necessidade de se identificar, uma vez que a proposta era fazer com que os discentes refletissem sobre suas atitudes durante a aula e o conhecimento adquirido na mesma. Logo após a autoavaliação, a intervenção pedagógica foi concluída.

DESENVOLVIMENTO

A avaliação da aprendizagem pode ser definida de diversas formas de acordo com distintos teóricos. Para Celso Antunes (2013), a avaliação seria de certa forma um julgamento de valor ou mérito ao examinar resultados educacionais, consistindo em determinar os objetivos educacionais ao programa do currículo e do ensino, tendo em vista a coleta sistemática de evidências que avaliam as mudanças que ocorrem com o aluno, além de exaltar suas múltiplas inteligências; o autor também acredita que essa é uma grande motivação para um tipo de avaliação de inúmeras linguagens fazendo com que os alunos visualizem o sentido daquilo que foi aprendido.

De acordo com a escritora Benigna Maria de Freitas Villas Boas (2004), a avaliação é algo comum no cotidiano de uma sociedade, pois a todo momento estamos avaliando situações, coisas e pessoas ao decorrer do dia; a autora afirma que as avaliações feitas nas escolas são intencionais e sistemáticas e que podem gerar consequências negativas e positivas no ensino. A sua classificação da avaliação se divide em duas perspectivas, formal e informal, tem em vista que a avaliação formal é geralmente feita por meio de provas, exercícios, etc. Na avaliação informal a autora destaca grande importância pelos resultados obtidos nesse tipo de avaliação, em que o professor conhece mais amplamente cada aluno, suas necessidades, dificuldades e interesses, e o docente tem a oportunidade de acompanhar o que o aluno já aprendeu mais de perto.

Com base nessas descrições de como funciona ou deveria funcionar a avaliação de aprendizagem, os autores descrevem indiretamente a autoavaliação, essa ferramenta de transformação que faz parte do processo de avaliação de aprendizagem como forma de autorreflexão e entendimento para os discentes e como guia para as ações futuras do docente. A partir da autoavaliação o educador pode perceber em que ponto os alunos estão com mais

dificuldades e que precisam de um novo planejamento para um melhor entendimento. Por outro lado, pode ser um meio de chegar até os alunos causando uma reflexão sobre os seus comportamentos, suas dificuldades, facilidades, etc. A pedagoga e escritora Léa Depresbiteris aborda esta percepção sobre o papel da autoavaliação:

[...] Atualmente, constitui-se em um componente importante na avaliação formativa. Refere-se ao processo pelo qual o próprio aluno analisa continuamente as atividades em andamento ou já desenvolvidas, registrando suas percepções e seus sentimentos e identificando futuras ações de melhoria de sua aprendizagem. [...] (DEPRESBITERIS, 2011, p. 85-93)

Na obra de Isabel Parolin (2011), *Avaliação da aprendizagem entre o pensar e o fazer*, a autora apresenta desde o início de sua reflexão o quanto é importante a avaliação no processo de aprendizagem e que a autoavaliação feita também pelo discente pode acrescentar de forma significativa o conhecimento que o aluno adquire. É necessário um olhar atento do professor ao planejar e elaborar uma avaliação, uma vez que é um procedimento complexo que envolve diversas estratégias, instrumentos e procedimentos, visto que a avaliação é um instrumento de auxílio para o docente entender os seus alunos com um olhar mais amplo para o contexto que o cerca.

A avaliação é significativa para o docente ao elaborar as suas estratégias de ensino, visando erros e acertos de acordo com a necessidade de cada turma/aluno causando um impacto relevante no sistema educativo ainda mais se for de uma forma diferente da tradicional. Esse tipo de atividade informal impulsiona os alunos a descobrirem novas capacidades no seu desenvolvimento, influenciando na motivação do porquê aquele conteúdo é importante, acostumando os discentes a terem uma reflexão crítica. É desta forma que a proposta central de transmitir a relevância da avaliação da aprendizagem na formação tanto dos discentes quanto dos docentes pode ser discutido de diversos pontos de vista, abrangendo o conceito de autoavaliação e construindo uma reflexão sobre o verdadeiro papel da avaliação da aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base em todas as afirmações apresentadas a respeito da autoavaliação, torna-se necessário expor os resultados da intervenção pedagógica realizada na escola privada, Centro Educacional de Ensino Fundamental Beatriz Menezes (Mamanguape - PB). À vista disso, o objetivo da atividade desenvolvida com a turma foi o de fazer com que os educandos refletissem

sobre suas próprias ações em sala de aula. Atrelado a isso está também a ação de estimulá-los a se aproximar da literatura, expondo narrativas interessantes que, além de regar a imaginação do aluno, tem a função de educar de forma moralizante. O laboratório foi montado para ser trabalhado com uma turma do 6º ano do ensino fundamental II. Ao todo foram 47 discentes participando da oficina, que tinha como principais atividades, a leitura e a discussão dos gêneros populares anteriormente descritos (fábula, apólogo, alegoria e parábola).

Após a leitura dos contos foram exibidos aos alunos elementos fundamentais da teoria dos gêneros e também da narrativa; em seguida, um ambiente interativo foi montado para que os alunos pudessem participar da discussão a respeito dos gêneros citados. Como os argumentos levantados pelos educandos foram satisfatórios, percebeu-se que os mesmos haviam entendido a proposta do laboratório e, logo em seguida, houve a entrega de uma folha com algumas perguntas auto avaliativas. Nessa folha de papel continha questões objetivas, com as seguintes alternativas: “sim”; “mais ou menos”; e “não”; cuja as alternativas eram sim, mais ou menos e não. As perguntas utilizadas na intervenção pedagógica eram estas: Estive atento durante a aula?; Consegui interpretar o texto? Gostei de vir a escola hoje?; Participei com interesse?; Consegui relacionar a moral do texto com a realidade?; Contribuí para o bom funcionamento da aula?; Compreendi os diferentes subgêneros?; Gostei dos textos?; Os professores esclareceram bem o assunto?; Qual o grau de dificuldade do conteúdo?; O que mais me chamou atenção nos textos?. Posteriormente, os alunos responderam uma indagação discursiva sobre o que mais lhe chamou atenção nos textos.

Terminada a oficina, percebemos que todos os alunos responderam corretamente ou satisfatoriamente à pergunta discursiva sobre o que mais chamou sua atenção no texto e, de acordo com as respostas, entende-se que os alunos compreenderam bem os elementos presentes no texto, pois conseguiram relacionar a moral do texto com a realidade, além de identificar diversas passagens no texto principalmente no que diz respeito ao clímax do conto.

Como a autoavaliação suscita no aluno a reflexão de suas próprias ações, seguem alguns resultados:

Tabela 1 - Questão da autoavaliação

Estive atento durante a aula?	Sim	Mais ou Menos	Não
	72,32%	23,40%	4,26%

Fonte: Elaborada pelos autores

O interesse do aluno é extremamente importante para um bom funcionamento da aula, pois o desempenho dos discentes não dependem apenas dos conteúdos que são expostos nas aulas, mas também todo o envolvimento da construção de significação e atribuição de sentido de acordo com o que está sendo proposto pelo professor. Isto posto, Celso Antunes (1937) afirma que “A perspectiva construtivista de aprendizagem [...] percebe o ensino como um processo ativo de ajuda à construção de significados e atribuições de sentidos realizadas pelos alunos.” (ANTUNES, 1937. p.32-33)

Na segunda pergunta, “Participei da aula com interesse?”, de acordo com as respostas apresentadas, alguns alunos reconheceram que não participaram da aula, fato que demonstra a relevância que os estudantes atribuíram à atividade.

Tabela 2 - Questão da autoavaliação

Participei da aula com interesse?	Sim	Mais ou Menos	Não
	55,31%	27,27%	17,42%

Fonte: Elaborada pelos autores

Porém, através desta pergunta o aluno começa a refletir sobre seu posicionamento como estudante, se auto avaliando, o que é de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem, pois a partir desses auto questionamentos, o discente constrói aos poucos uma crítica sobre ele mesmo, desta forma “aprendendo a aprender” de acordo com as reflexões de suas ações. À vista disso, é o que propõe Antunes (1937):

“o ideal seria que os próprios alunos pudessem utilizar os métodos de sua avaliação *para constantes e periódicas* ‘autoavaliação’ essenciais como meio de proporcionar diagnósticos relevantes que ajudassem com pertinência e eficácia a superação de dificuldades. Seria uma maneira de aprender a aprender.” (ANTUNES, 1937. p.34).

Na questão do exercício reflexivo, “Consegui interpretar o texto?”, acredita-se que através do percentual das respostas, esse último resultado se mostrou incompatível com as respostas discursivas dos alunos, uma vez que, demonstraram discorrer exatamente uma resposta que sintetizava a interpretação do texto, por conseguinte, foi avaliado que todos conseguiram interpretar os textos, visto que as respostas discursivas asseveraram a hipótese de que todos lograram êxito.

Tabela 3 - Questão da autoavaliação

Consegui interpretar o texto?	Sim	Mais ou Menos	Não
	59,57%	25,53%	14,90%

Fonte: Elaborada pelos autores

No entanto, o processo de aprendizagem vai além das reflexões que os alunos fazem ao fazer a autoavaliação. Vale ressaltar que a autoavaliação é apenas uma das ferramentas que o docente pode utilizar para acompanhar e melhorar o desempenho dos estudantes. Esse processo avaliativo não é totalmente eficaz ao ponto de solucionar todos os problemas existentes na educação, porém, é mais uma possibilidade de exercer com êxito um melhor resultado na sala de aula, mas que de certa forma deve-se contar com a compreensão do professor neste processo. Desta forma Isabel Parolin (2011) afirma: “Essa compreensão é que fundamentará o processo de recuperação das aprendizagens não alcançadas, um procedimento esperado pelo compromisso assumido em sala de aula” (PAROLIN, 2011. p.21)

No quesito “Gostei dos textos?” as respostas obtidas comprovam que os textos trabalhados foram bem aproveitados pelos alunos, já que foi possível trazer o conteúdo analógico em folha de papel para a realidade cotidiana.

Tabela 4 - Questão da autoavaliação

Gostei dos textos?	Sim	Mais ou Menos	Não
	91,48%	8,51%	0,00%

Fonte: Elaborada pelos autores

Portanto, trabalhar com a turma de forma interativa, atribuindo ao aluno a função de construir, junto com o professor, o seu próprio conhecimento. Conforme as respostas auto avaliativas dos alunos, foi visto que através da autoavaliação é exequível endereçar algumas alterações na forma de mediar o conhecimento. Tais alterações podem ser feitas para não só tornar o conhecimento mais atrativo para o aluno como também agregar valor à educação no árduo trabalho dos educadores perante a difícil tarefa de formar cidadãos críticos.

A avaliação formativa se enquadra nessa perspectiva apresentada, que tem o objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem através das informações coletadas na avaliação. Conforme mostrou Philippe Perrenoud (1999):

“Em todos os casos, a avaliação não é um fim em si. É uma engrenagem no funcionamento didático e, mais globalmente, na seleção e na orientação escolares. Ela serve para controlar o trabalho dos alunos e, simultaneamente, para gerir os fluxos”. (PERRENOUD, 1999, p. 13)

A autoavaliação contribui para o processo de aprendizagem, é o que também afirma Luckesi (2011), sobre o papel da autoavaliação para o docente: “permitem ao educador saber como está se dando a aprendizagem do educando individualmente, seus sucessos, duas

dificuldades, ao mesmo tempo, indicam o que fazer para auxiliá-los a ultrapassar os impasses emergentes”. (LUCKESI, 2011, p.261)

É válida toda ferramenta que faça o processo de ensino-aprendizagem ser executado com êxito, considerando as atribuições/considerações que os discentes podem atribuir de forma objetiva, como foi apresentada em nossa intervenção pedagógica através da autoavaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi uma proposta da disciplina de *Avaliação da aprendizagem* para aplicação de um método de autoavaliação, cujo público-alvo foram alunos do ensino fundamental. O principal objetivo é sugerir a utilização do método autoavaliativo como instrumento auxiliar para o docente acompanhar o desenvolvimento dos alunos, além de destacar as contribuições deste processo avaliativo para os educandos, promovendo para os mesmos um exame de reflexão, o qual consistia na ação do aluno avaliar seu próprio conhecimento e desempenho em sala de aula. A autoavaliação mostrou-se uma ferramenta que facilita ao docente acompanhar o processo de absorção do conteúdo dos alunos, mesmo diante do desafio de conseguir adaptar de forma integral os assuntos de modo que alcance toda a turma, levando em consideração que cada indivíduo compreende de forma distinta.

A ação foi realizada com a finalidade de mostrar não só para os alunos como também para gerar reflexão aos graduandos, futuros professores, que a atividade docente pode e deve sempre ser repensada, melhorada e adaptada. Essa premissa ficou bastante clara após a realização da oficina, porquanto os resultados obtidos revelaram que é possível contemplar boa parte da turma; porém, os outros que não conseguiram acompanhar o método escolhido pelo professor, precisarão de uma didática diferenciada para que consigam acompanhar os demais. Isto posto, reflete-se que o trabalho docente não é apenas o planejamento da aula e sua execução, mas também a observação e compreensão do educador em perceber o resultado de sua aula, no caso da nossa oficina foi utilizada a autoavaliação, e a partir desses resultados, ter a sensibilidade de redefinir os métodos e materiais utilizados, com a finalidade de um processo de ensino-aprendizagem eficiente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Avaliação e aprendizagem**. 10 ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2013. pp. 7-46.

DEPRESBITERIS, Léa. **Avaliação da aprendizagem**: casos comentados. Pinhais, 2011, pp. 85-93)

ELLIOT, John. **Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio**. In: GERARDI, Corinta Maria Crisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.). Cartografias do trabalho docente: professor (a)- pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras, 1997, pp.15.

KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22 ed. São Paulo. Cortez, 2011. pp. 29-261.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. São Paulo. Editora Loyola, 1998. pp. 13.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens-entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999. pp. 13-15.

PORTILHO Evelise, **Como se Aprende?** Estratégias, Estilos e Metacognição. Rio de Janeiro, RJ: Wak Ed., 2009, p. 149-155.

PAROLIN, Isabel; BOZZA, Sandra (Orgs). **Avaliação e aprendizagem**: entre o pensar e o fazer. Pinhais. Editora Melo, 2011. pp. 15-44.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Situando a avaliação**. Campinas, São Paulo. Papirus, 2014. pp. 21-36.